

**Universidade Eduardo Mondlane**

Faculdade de Letras e Ciências Sociais

Departamento de Arqueologia e Antropologia

Licenciatura em Antropologia

**O Papel da Associação Regantes de Mafuiane no  
Desenvolvimento Comunitário**

**Supervisor:** Dr. Alexandre Mate

**Autor:** Jorge Carlos Jorge

Maputo, Maio 2012

Jorge Carlos Jorge

**O Papel da Associação Regantes de Mafuiane no desenvolvimento Comunitário**

Dissertação apresentada em cumprimento dos requisitos exigidos para a obtenção do grau académico de Licenciatura em Antropologia no Departamento de Arqueologia e Antropologia (DAA), Faculdade de Letras e Ciências Sociais, UEM

Universidade Eduardo Mondlane

Maputo, 2012

O Papel da Associação Regantes de Mafuiane no desenvolvimento Comunitário

Dissertação apresentada em cumprimento dos requisitos exigidos para a obtenção do grau académico de Licenciatura em Antropologia no Departamento de Arqueologia e Antropologia (DAA), Faculdade de Letras e Ciências Sociais, UEM

**Jorge Carlos Jorge**

DEPARTAMENTO DA ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA

FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE

Maputo, Maio de 2012

O Supervisor: Dr. Alexandre Mate

O Júri

Supervisor

Presidente

Oponente

---

---

---

## **DECLARAÇÃO**

Declaro que este relatório é o resultado da minha investigação pessoal e independente, o seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

Declaro ainda que este relatório não foi aceite em nenhuma outra instituição para qualquer grau nem está a ser apresentado para obtenção de um outro grau para além daquele a que diz respeito.

O candidato

---

Maputo, aos \_\_\_ de \_\_\_\_\_ 2012

## **Dedicatória**

Ao meu pai, Carlos Jorge  
e a minha mãe Catarina Nangoniua Meio-Dia

## **Agradecimentos**

A todos os meus docentes das cadeiras do curso de Licenciatura em Antropologia, em especial ao Dr. Alexandre Mate e Dr.<sup>a</sup>. Xenia Carvalho que auxiliaram a produção e a consecução desta pesquisa;

A todos os meus familiares, principalmente ao Sr. Cremildo Carlos Jorge e ao Francisco Nangura Muceliua, que sob todas as dificuldades foram capazes de proporcionar condições adequadas para a minha escolarização que, neste momento, resulta nesta licenciatura;

Aos meus irmãos Mariza, Aurélio, Rosita e Natália e as minhas sobrinhas Viviane Jackline e Emily Tamires;

A todos os meus colegas da faculdade e amigos, em especial ao Honarabio Samage que prestou uma incondicional ajuda na revisão ortográfica e na construção frásica durante a fase da redacção do presente relatório de pesquisa;

Ao presidente, Alberto Uaquisso Marane, e a todos os membros da Associação Regantes de Mafuiane que foram muito pacientes comigo;

A todos os indivíduos residentes em Mafuiane, em especial ao Sr. Raul Chemani, o meu principal informante.

## **Lista de Abreviaturas**

ADIPSA- Apoio ao Programa do Sector Agrário

CDA- Centro Desenvolvimento Agrário

HIV- Vírus de imunodeficiência Humana

SIDA- Síndrome de imunodeficiência Adquirida

FDC- Fundação para o desenvolvimento Comunitário

FDHA- Fundo para o Desenvolvimento da Hidráulica Agrícola

FDA- Fundo Desenvolvimento Agrário

PDRI- Programa Desenvolvimento Rural Integrado

PRE- Programa de Reabilitação Económica

MOZAL- Moçambique Alumínio

KULIMA- Organismo para o desenvolvimento Sócio-Económico Integrado

## **Resumo**

Este é um relatório que surge como resultado de uma pesquisa de campo realizada entre os meses de Agosto e Setembro de 2011 sobre o papel da associação regantes de mafuiane no desenvolvimento comunitário, durante um período de aproximadamente cinco semanas.

Procuramos compreender da comunidade em mafuiane sobre a contribuição da associação regantes no processo de desenvolvimento, que tem sido incentivado no quadro de implementação de políticas públicas e estratégias de desenvolvimento comunitário levadas a cabo pelos governos nacionais e locais.

Partimos do pressuposto de que as associações têm a contribuição de promover o desenvolvimento da comunidade, com objectivo de atrair novos investimentos bem como manter e estimular as iniciativas locais. Neste sentido afigura-se importante compreender o que a comunidade pensa sobre o desenvolvimento comunitário, tendo em conta um conjunto de interpretações. E a análise de dados de campo foi feita com base na teoria de interpretação de Geertz (2001:69)

No contexto em que foi realizada a pesquisa constatamos que a associação regantes de mafuiane é fruto da iniciativa de agentes externos, caso da cooperação de italiana e fundo para o desenvolvimento hidráulica na província de Maputo, os membros tiveram uma entrada automática e que a associação contribui para satisfação das necessidades básicas dos membros, embora haja uma parte que considera ser desvantajoso fazer parte da associação.

## **Palavras-chaves**

Desenvolvimento; associação e comunidade



<b>Índice</b>	<b>Pág</b>
1.Introdução.....	9
1.1.Quadro teórico.....	12
1.1.2. Definição de conceitos.....	13
Desenvolvimento .....	13
Comunidade .....	14
Associação .....	16
2. Metodologia .....	17
2.1. Constrangimentos.....	19
3. Contextualização do Associativismo Agrícola em Moçambique .....	19
3.1. Caracterização Geográfica .....	21
3.2. Historial da Associação Regantes de Mafuiane.....	22
3.3. Envolvimento dos camponeses na associação .....	25
3.4. Parceiros e Funcionamento da Associação Regantes de Mafuiane ..	27
3.5. Contribuição Sócio-Económica da Associação na vida dos Camponeses.....	29
3.6. Métodos de participação comunitária no desenvolvimento de Mafuiane .....	32
4.Considerações finais.....	34
5. Referências bibliográficas .....	34
VI. Anexos.....	38

## **1. Introdução**

O presente trabalho insere-se no comprimento parcial dos requisitos para obtenção do grau de licenciatura em Antropologia pelo Departamento de Arqueologia e Antropologia da Universidade Eduardo Mondlane. E tem como título: O Papel da Associação Regantes de Mafuiane no desenvolvimento Comunitário.

Segundo Matsinhe o desenvolvimento é um tema que há muito vem despertando interesse dos múltiplos agentes sociais. Nas suas mais diversificadas vertentes (teóricas e pragmáticas), há séculos que se vem inventando e reinventando paradigmas de reflexão e actuação visando entender ou mesmo contribuir para a resolução dos dilemas que a humanidade se defronta como e o caso da pobreza e da miséria.

Para Sardan (1990:189-90) há desenvolvimento desde que existam desenvolvedores (ocidentais, nacionais ou ongs) desde que intervenções voluntaristas de origem externa a um determinado meio visem transformá-lo, geralmente através da introdução de novas tecnologias ou de certos comportamentos económicos e não económicos.

Casal (1996) vê o desenvolvimento como o resultado da interacção entre dois sub grupos sociais (desenvolvedores e desenvolvidos com lógicas sociais distintas e com frequência incompatíveis. Este autor, afirma ainda que numa situação concreta de desenvolvimento, a constante interacção que se estabelece entre estes dois sub grupos pode revestir-se de formas de comportamentos muito variada que vai desde antagonismos abertos a adopção mais ou menos sincronizadas por parte dos dois protagonistas.

Existem vários modelos para alcançar o desenvolvimento sendo o desenvolvimento comunitário um modelo adoptado pelo governo Moçambicano com vista o desenvolvimento das regiões rurais. O desenvolvimento comunitário como modelo de desenvolvimento na óptica de Augusto Neto e Sebastião Garcia (1987), pressupõe um conjunto planeado de acções contemplando várias dimensões das necessidades vitais de uma população.

Para Ivonne de Barros citada por Augusto Neto e Sebastião Garcia (1987) o desenvolvimento comunitário na óptica da ONU é um conjunto de processos através

dos quais os esforços do povo se unem aos do governo visando elevar as condições de vida das comunidades nos seus diversos aspectos de actividade.

Partindo do pressuposto que em Moçambique o desenvolvimento comunitário é encabeçado pelas associações que tem como missão promover o desenvolvimento a partir da política de atracção de novos investimentos e estímulo as iniciativas locais exercendo actividades de apoio, como a prestação de serviços, capacitação e, também a função de organizar os actores sociais e económicos em torno de desenvolvimento de uma comunidade, melhorando a sua competitividade e mudando a sua atitude em direcção a pro-actividade (vala, 2000).

Porém devido ao facto de as associações como parte do desenvolvimento comunitário serem técnica e financeiramente suportadas pelas entidades internacionais que detém pouco conhecimento da realidade social da comunidade na qual irão implementar os programas de desenvolvimento. O modelo de desenvolvimento comunitário implementado pelos organismos internacionais considerados "ideal" pelos mesmos em determinadas comunidades, possui características peculiares que impedem sucesso do mesmo em outros contextos, por não considerarem questões culturais e históricas relevantes de uma diferente comunidade, ou por ignorarem os efeitos da globalização, o que origina impactos distintos em diferentes locais.

A escolha do tema, deve-se ao facto de as associações serem um dos assuntos de destaque na agenda política dos Estados, principalmente em países em vias de desenvolvimento como Moçambique onde se incentiva aos camponeses a criação de associações com vista a obter facilidades na concessão de crédito para o desenvolvimento das suas actividades tendo a destacar o fundo de iniciativa local.

A pertinência do tema em análise, decorre pelo facto das associações terem-se revelado um factor determinante para o desenvolvimento, na medida em que as associações criam microempresas alargando as possibilidades de emprego. Por outro lado, a pesquisa no quadro da implementação de políticas públicas e estratégias de desenvolvimento comunitário, permite ter um conhecimento profundo da realidade dos camponeses, isto é, seus problemas, suas necessidades e aspirações. Estes aspectos também são vistos como importantes para compreensão das dinâmicas sociais no meio onde são implementados.

Nesta perspectiva, procura-se explorar a dimensão antropológica, uma vez que permite compreender a partir de uma perspectiva empírica, um conjunto de políticas públicas que são implementadas pelo governo local e nacional. O nosso objectivo é compreender como as pessoas criam as suas representações sobre o desenvolvimento levado a cabo pelos movimentos associativos.

Assim, temos como objectivo geral: *Analisar a contribuição da Associação de Regantes no processo de desenvolvimento da comunidade de Mafuiane.*

Objetivos específicos: Descrever o processo da criação da Associação dos Regantes de Mafuiane; compreender as implicações do associativismo na vida dos associados; Identificar o nível de cooperação e parceria entre a associação dos Regantes de Mafuiane e a comunidade; Analisar o grau de participação da comunidade de Mafuiane nos programas da Associação dos Regantes de Mafuiane.

A reflexão em torno do desenvolvimento comunitário na perspectiva antropológica, leva-nos a colocar a seguinte questão: *Quais são as contribuições da Associação de Regantes no processo desenvolvimento da comunidade de Mafuiane?*

Em termos de estrutura o presente relatório está dividido em quatro capítulos, nomeadamente: uma *introdução* onde se apresenta o objectivo geral, os objetivos específicos, delimitação do tema, justificativa e, a pertinência do mesmo, o problema em questão, e a teoria que serviu de fio condutor para materialização do trabalho.

O segundo capítulo reserva-se a *metodologia*, aqui apresenta-se as técnicas e os procedimentos que usamos para recolha e discussão de dados. No terceiro capítulo faz-se a *análise e discussão de dados*, onde apresentamos a contextualização do associativismo agrícola, caracterização do local, historial da associação, motivos de adesão e funcionamento da associação, impacto na comunidade, formas de participação da comunidade. E por fim as *considerações finais*, neste ponto, apresentamos várias constatações que julgamos mais pertinentes relativos a Associação de Regantes no processo de desenvolvimento de Mafuiane.

## 1.1. Quadro teórico

No que se refere ao quadro teórico o nosso estudo centra-se em duas teorias, a de relações sociais de Fernandes (1973) e a teoria de capital social Durston (2002). A teoria de relações sociais consiste em verificar duas maneiras de relações sociais: aquelas motivadas por uma vontade natural, a chamada de *comunidade*, e outra movida por interesses individuais a que se designa *associação* (Fernandes 1973: 60).

Segundo a teoria de relações sociais, a comunidade estabelece relações entre si, visando a sobrevivência do grupo. Isso permite observar as contribuições da associação no processo de desenvolvimento da comunidade. É na comunidade onde as relações sociais objectivam-se e racionalizam-se, o que possibilita verificar se os membros da associação realizam actividades meramente individuais em detrimento das actividades comunitárias.

Assim, a teoria acima referenciada apresenta vantagens para o presente estudo na medida em que permite explicar o conceito de “comunidade” e de “associação” simultaneamente, estabelecendo também uma distinção entre ambos.

Para separar o pensamento dicotomizante da relação entre a comunidade rural e a sociedade global recorreu-se a teoria de capital social (Durston 2002: 23). Esta permite recuperar elementos analíticos das ciências sociais, da antropologia do económico entre outras áreas do conhecimento, observando o impacto do compromisso cívico das entidades da associação de regantes na construção do desenvolvimento comunitário.

Em relação aos benefícios individuais e de classes originadas de valores socialmente compartilhados, Bourdieu (1980) define capital social como o conjunto de relações e redes de ajuda mútua, que podem ser mobilizadas efectivamente para beneficiar o indivíduo ou sua classe social. Para ele, a ideia de capital social remete aos recursos provenientes da participação em redes sociais mais ou menos formalizadas, permitindo as pessoas bem situadas a terem sucesso na competição em sociedade.

A teoria de capital social, oferece-nos um marco especialmente adequado para estudar as associações agrícolas, podendo-se articular com a teoria das relações sociais, porque

a reciprocidade e a cooperação inter-pessoal que se encontra dentro do capital social são dois recursos tradicionais da vida do associativismo.

As teorias de análise adoptadas nesse estudo, consistem em compreender o significado na construção da visão prospectiva e pro-activa do desenvolvimento comunitário, baseada na apreensão e valorização das dinâmicas e capacidades dos membros dos regantes e das próprias comunidades, adquiridas e fundamentadas nas relações estabelecidas entre si.

Neste contexto, interessa-nos analisar através das teorias anteriormente mencionadas, o associativismo agrícola que se desenvolve entre os camponeses que trabalham numa zona de influência da Associação de Regantes de Mafuiane como instrumento impulsionador de desenvolvimento da comunidade.

### **1.1.2. Definição de conceitos**

Esta parte é reservada para a operacionalização dos conceitos fundamentais que transcorrem ao longo do trabalho, de forma a torná-los claros e evitar qualquer tipo de ambiguidade. Seguindo este propósito, foram definidos conceitos de desenvolvimento, associação e comunidade bem como as suas respectivas subjectividades.

#### **Desenvolvimento**

Viola (1995), considera o desenvolvimento como todo um processo cultural integrado e carregado de valores; engloba o ambiente natural, as relações sociais, a educação, produção, o consumo e o bem-estar. Para Bairoch (1986), o desenvolvimento é um processo de mudança progressiva que conduz o benefício económico e social para todas as pessoas a diferentes níveis.

Ao passo que Ferrinho (1978), vê o desenvolvimento como mudança de todo um ecossistema de que faz parte o meio natural, o meio cultural, o meio social e a personalidade dos indivíduos. Para este autor, toda a comunidade que aspira o desenvolvimento deve considerar o progresso técnico, crescimento económico, o

homem e a sociedade, isto é enquadrar a estratégia técnica-económica numa estratégia humana e social.

Os modelos clássicos e neoclássicos de desenvolvimento<sup>1</sup> abordam as economias subdesenvolvidas como economias dualistas. Um sector agrícola atrasado, caracterizado por um excedente de trabalho, na medida em que a sua remuneração ou seu consumo ultrapassa a sua produtividade marginal, coexiste com um sector industrial em crescimento empregando trabalho proveniente da agricultura, em condições rentáveis de ultrapassagem do salário real pela produtividade marginal do trabalho.

Nesta abordagem, a transferência de trabalho da agricultura para a indústria não reduz virtualmente o produto agrícola, a produtividade marginal do excedente aproxima-se a zero, mas possibilita um fluxo de produtos para o sector, já que o rendimento real na agricultura é considerado inalterado.

Na perspectiva de Brose (1999), desenvolvimento deve ser visto como um processo de mobilização de energias sociais, de recursos e de potencialidades locais para implementação de mudanças que elevam oportunidades sociais e as condições de vida no plano local, tendo como base a participação da comunidade no processo decisório.

Para efeitos deste estudo, adotou-se a definição de Chambers (1995), que define o desenvolvimento como mudança, ou conjunto de mudanças, uma situação conducente a uma nova situação existente, mas de acordo com as metas, objetivos e alvos de indivíduos ou grupo numa sociedade, num ponto específico.

## **Comunidade**

De acordo com Homero (1972) citando Elliat, a comunidade envolve dois aspetos relacionados, o geográfico e psicológicos. No sentido geográfico a comunidade é uma distribuição contínua de pessoas e instituições. No sentido sociológico, pode ser considerado em torno de elementos psicológicos que tornam numa entidade vivente.

---

1-Revista Internacional de Estudo Africanos, n°3. Pp 108

Segundo Rocher (1989), a comunidade é formada por pessoas unidas por laços naturais ou espontâneos, com objetivos comuns que transcendem os interesses particulares de cada indivíduo. Um sentimento de pertença a mesma coletividade domina o pensamento e as ações das pessoas, assegurando a cooperação de cada membro e a unidade ou a união do grupo. A comunidade é pois um todo orgânico no seio do qual a vida e o interesse dos membros se identificam com a vida e o interesse do conjunto.

Já Weber (1984), define a comunidade partindo da diferença desta com a sociedade. Assim, considera sociedade uma relação social quando e na medida em que a atitude e a acção social se inspira numa compensação de interesse por motivo racional (de fins ou de valores) ou, também, numa união de interesse com igual motivação, enquanto comunidade diz respeito a uma relação social na medida em que a atitude na acção social se inspira na vontade subjetiva (efetiva ou tradicional) dos participantes de construir um todo.

Pina Cabral (1989), refere que a comunidade não elimina as diferenças, mas integra um todo que permite a harmonia conflitual de diferentes elementos que a constituem. É através desse jogo de diferenças que permite a permanência de solidariedade. A comunidade compõe-se em relações que se exercem na mais absoluta reciprocidade e há uma conjugação de contrários que apesar disso aparecem opostos.

No domínio da antropologia, o conceito de comunidade tem sido criticado, atacado, rejeitado, marginalizado, dissecado reformulado e ressuscitado. A comunidade rural seja ela europeia, mediterrânea, africana, asiática, norte-americana, latino-americana, tem sido erroneamente rotulada com uma extensa e colorida lista de epítetos aviltantes do género: fechada, isolada, harmoniosa, tradicional, pequena, homogénea, simples, primitiva (O'Neill, 1988).

O mesmo autor considera que apesar dos esforços de muitos antropólogos para superar esta pesada conceptualização cheia de restrições teóricas e metodológicas, permanecem ainda alguns analistas agarradas as ideias mais homogeneizantes do conceito comunidade, portanto, reproduzindo através das noções aparentadas entre si como solidariedade mecânica e microscópica.



Para efeitos deste estudo, a comunidade é antes uma construção teórica, porque não é um conjunto de casas, mas de práticas e representações individuais e colectivas que afirmam os valores da comunidade. A comunidade é um conceito para interpretar, compreender e explicar uma realidade social bem determinada.

## **Associação**

Segundo Ferrinho (1997), as associações não são um fim em si, mas um processo de organização humana que visa contribuir para melhorar a qualidade de vida da comunidade em que se institucionalizam. As associações são encaradas numa visão instrumental.

Van Vugt (2002), revela a existência de formas tradicionais de cooperação e de ajuda mútua que não obedecem os princípios básicos que norteiam o funcionamento das modernas associações ou cooperativas agrícolas no séc. XIX. Estas formas tradicionais de cooperação, desempenham um papel fundamental nas estratégias de sobrevivência, de ajuda mútua e de solidariedade das famílias camponesas moçambicanas para enfrentarem os desastres e mudanças naturais que prejudicam a produção familiar e a sua estabilidade social.

Para Gerlach & Batalha (2003), as associações e as cooperativas constituem os tipos de associativismo mais comuns no meio rural. Elas são organizadas por adesão voluntária, onde os associados se unem em busca de um interesse comum, objectivando ao mesmo tempo atender os seus interesses particulares.

Na perspectiva de Campos (1998), associação parte da noção de grupo social. Uma associação é um grupo social que se distingue dos outros grupos por ter algumas características a saber: possuir um objectivo preciso que mobiliza os aderentes para a sua realização e uma especialização formal.

Para efeitos deste estudo, a noção de associação que adoptamos tem em vista compreender a organização institucional de um conjunto de indivíduos que se ocupam da agricultura para uma atuação coletiva, a fim de melhor realizar certos interesses comuns. A associação agrícola é entendida com similaridade a cooperativa agrícola.

## **2. Metodologia**

O presente estudo foi realizado a partir duma pesquisa qualitativa, por esta permitir apreender questões difíceis de quantificar, como praticas, crenças e atitudes individuais (Goldenberg, 2000). Assim, a pesquisa qualitativa permitiu apreender as práticas implementadas pela Associação Regantes no desenvolvimento da comunidade de Mafuiane.

O trabalho foi realizado em três momentos, nomeadamente a revisão da literatura, o trabalho de campo e a análise e discussão dos resultados. Na revisão da literatura foram consultados materiais sobre o desenvolvimento/associativismo agrícola, sua importância e aplicação desta no desenvolvimento das comunidades.

A revisão da literatura forneceu as bases para o desenvolvimento do projecto de pesquisa e de um guião para recolha de dados. O mesmo procura saber sobre desenvolvimento, as práticas implementadas e os respectivos motivos que levaram os membros a associarem-se.

Concluído o desenvolvimento do projecto de pesquisa, foi realizado o trabalho de campo. Esta fase teve lugar no distrito de Namaacha concretamente em Mafuiane, entre os meses de Agosto e Setembro de 2011. Para recolha de dados foram realizadas entrevistas semi-estruturadas.

O trabalho de campo, possibilitou o investigador fazer a colecta de dados estando em contacto directo com a realidade social em estudo. As entrevistas semi-estruturadas fornecem de certa forma uma descrição parcial dos fenómenos (Dáveis, 1999).

No total foram entrevistadas onze pessoas, sendo sete membros da associação e quatro da comunidade. Dos membros da associação entrevistados, cinco eram do sexo masculino e dois do sexo feminino, com idades compreendidas entre 30/50 anos. Destes membros da associação, alguns são naturais de Mafuiane, outros são provenientes de diferentes pontos da província de Maputo, mas estando a residir há bastante tempo em Mafuiane.

Por outro lado, foram entrevistados quatro membros da comunidade, sendo dois do sexo masculino e dois do sexo feminino, com idades entre 45/60 anos. São todos moradores do local e participam nas reuniões da associação mensalmente, apesar de não pertencerem ao grupo de membros da associação.

As entrevistas foram feitas em língua changana, a língua que os entrevistados mais dominam. Considerando que o candidato não possui domínio linguístico em changana, fez-se recurso a um intérprete. As entrevistas permitiram aprofundar as temáticas em estudo. O uso de entrevistas semi-estruturadas possibilitou que os entrevistados falassem o que achavam importante, permitido também aprofundar questões não entendidas.

Concluído o trabalho de campo, os dados foram agrupados e analisados. Foram identificados as tendências e agrupadas as etapas seguidas para compreender os significados atribuídos ao desenvolvimento

Os dados colhidos foram analisados a partir do interpretativismo de Geertz (1989), que sugere que cada cultura se relaciona com o mundo em volta por meio de modelo de interpretação que é sempre produto humano, o que torna a leitura do que acontece num dado contexto social indissociável da interpretação pelos actores sociais desse contexto.

O interpretativismo ajudou-nos a compreender as diferentes interpretações atribuídas pelos membros da associação e, a comunidade em geral ao significado de desenvolvimento, bem como as práticas implementadas pela associação no sentido de desenvolvimento de Mafuiane.

## **2.1. Constrangimentos**

Durante a realização do estudo, constatamos os seguintes constrangimentos: dificuldade de prestar entrevista por estas entrevistas serem realizadas no período normal das atividades na associação, interrompimento constantemente e, os membros não aceitavam dar informação sem autorização do presidente.

Como forma de ultrapassar este problema, apelamos a nossa capacidade de persuasão e criamos confiança com os membros e a comunidade sem termos que atrapalhar o curso normal das suas atividades diárias.

Outra dificuldade encontrada no terreno foi a desconfiança dos nossos entrevistados, em relação a nossa pesquisa uma vez que, ao apresentarmos e após termos explicado o nosso propósito, a maioria dos membros mostravam-se pouco interessado e não queria prestar declarações, alegando que estavam cansados daqueles procedimentos de recolha de informação.

## **3. Contextualização do Associativismo Agrícola em Moçambique**

Em Moçambique tal como nos outros países africanos, as associações/cooperativas datam do período antes da independência. Embora grande parte destas formas de organização camponesa não tivesse personalidade jurídica, uma vez que serviam essencialmente o Estado colonial (Adam, 1986: 32).

Neste período, contrariamente ao que aconteceu noutros estados coloniais em que o associativismo foi instrumentalizado pelas potências ocupantes para modificar os seus interesses políticos dominantes, Portugal serviu-se das organizações para impedir qualquer processo de autonomia nos mecanismos de poder (Vala, 2002:24).

Estas tinham em simultâneo a função de apoiar a estabilização da classe de agricultores capitalistas “africanos”, que entravam para esses projetos fornecendo-lhes meios que lhes permitissem desenvolver as suas actividades e, controlar esse processo através da sua inclusão numa cooperativa dirigida pelo régulo, que era o funcionário

administrativo do estado colonial encarregado de controlar as região e agrícolas (Adam, 1986).

O regime colonial, ao fomentar as cooperativas não tinha como objectivo principal beneficiar os agricultores, mas sim enquadrá-los no sistema colonial. Deste modo, o cooperativismo aparece como algo exógeno aos próprios camponeses, uma imposição feita pelo estado colonial, como forma de fazer sentir seu poder até ao nível dos camponeses. Tal como ilustram os exemplos: Jeac, Sisaleira de Nangororo, Colonato do Limpopo e outras eram unidades agrícolas dirigidas pela administração colonial, com características muito próprias, com o fim de alcançar objetivos muito concretos da política colonial, nomeadamente de um povoamento rural em determinadas áreas (Santos, 1984).

O governo pós independência adopta a criação dos movimentos das aldeias comunais, cooperativa de produção, como base de novas formas de desenvolvimento no âmbito das políticas de socialização. Sendo assim, as cooperativas eram consideradas unidades de socialização da produção e da força de trabalho (Van Vugt, 2002).

No entanto as características físicas, económicas e sociais diferem de região para região, pelo que não foi viável admitir a existência desse modelo de organização do espaço produtivo para novos centros rurais. Quando se fazia a distribuição da terra, os solos de maior fertilidade eram atribuídos a cooperativas, ficando as unidades familiares limitadas aos terrenos que restam, por vezes de fertilidade medíocre (Santos, 1984).

Numa fase posterior, nos meados da década 80, com a introdução do programa de reabilitação económica (PRE), em 1987 o movimento cooperativo passou a estar a cargo das organizações internacionais, assim como a promoção e o seu sustento, com interesse de levarem a cabo as intervenções que propunham realizar (Van Vugt, 2002).

Nesta fase, a cooperativa passou a ser como uma unidade de produção e de adesão voluntária, de produção individual, onde não existe nem socialização dos meios de produção. Esta nova concertação de cooperativa é definida pelos europeus dispostos a ajudar a revitalização do movimento associativo (Muthemba, 1998).

Entretanto, com as mudanças ocorridas para a liberalização da economia e com a aprovação da lei das associações em 1991, muitas cooperativas agrícolas deixaram de existir algumas transformaram-se em associações tendo dividido a terra aos camponeses membros, ao mesmo tempo surgindo novas associações (Van Vugt, 2002).

Em síntese, o associativismo em Moçambique surgiu em três períodos nomeadamente, período colonial, com o governo pós-independência e nos anos 80 com a liberalização económica.

### **3.1. Caracterização Geográfica**

A associação dos Regantes de Mafuiane situa-se na região do Baixo-Umbeluzi, na aldeia de Mafuiane acerca de 37 km a sudoeste da província de Maputo, fazendo fronteira a sul com o distrito de Boane, a entrada do distrito da Namaacha, a noroeste as aldeias da Massaca I e II e também a barragem dos pequenos Libombos, entre as latitudes 26° 01 27, 26 03 21° Sul, Longitude 32° 13 11, 32 1600 a leste, numa área plana da encosta dos pequenos Libombos e, tem como principal actividade económica a agricultura, a pecuária, a pesca, e o pequeno comércio informal (Administração do Distrito de Namaacha, 2011).

De modo geral, a agricultura praticada em Mafuiane é de subsistência com grandes áreas de sequeiro. O sistema de cultivo mais usado pelos camponeses é de variedade de culturas entre hortícolas e legumes. A área cultivável é de 160,1 hectares para cerca de 250 famílias camponesas (Administração do Distrito de Namaacha, 2011).

Dadas as condições climáticas, a maior parte da população realiza a prática do sequeiro proporcionando uma campanha agrícola por ano. Dai que a instalação do sistema de bombagem de irrigação aparece para solucionar o problema da falta de água que a comunidade da aldeia de Mafuiane enfrenta.

Em Mafuiane pratica-se também, a atividade pesqueira a nível artesanal pelo sector familiar, utilizando-se vários tipos de arte (pequenas redes de arrastos e canas de pesca) de pesca, que garante o abastecimento da população e assegura economicamente a vida.

A rede comercial em Mafuiane é composta por 10 bancas das quais três encontram-se em construção. O comércio encontra-se em grande escala no mercado formal, apesar de existir maior número de bancas de construção de material não convencional, o que faz com que em tempos de precipitação não haja comércio (Administração do Distrito da Namaacha, 2011). No domínio da pecuária regista-se a criação de galinhas, patos, porcos, ovelhas, cabritos e bois.

### **3.2. Historial da Associação Regantes de Mafuiane**

A associação Regantes de Mafuiane foi fundada no dia 28 de Dezembro de 1994 em Mafuiane, contava com 250 membros, sendo 156 homens e 94 mulheres. O objectivo principal é unir os camponeses da região para gerir o sistema de regadio que foi implantado na região. Deste modo, garantia-se a sustentabilidade da reabilitação física e reforma institucional do regadio através do envolvimento directo dos regantes na gestão das infra-estruturas hidráulicas, no aumento da produção e produtividade das terras do regadio e no potenciamento dos produtores agrícolas organizados como parceiros responsáveis.

Nessa altura, a associação contava com o apoio do Fundo para o Desenvolvimento da Hidráulica Agrícola (FDHA) e o Programa Desenvolvimento Rural Integrado na Província de Maputo: Umbeluzi - Tembe (PDRI) que financiou a construção do sistema de regadio e, trabalhavam com apoio da cooperação italiana.

Em 1999 a associação assina um memorando com a Kulima, no sentido desta ministrar aulas de alfabetização aos regantes para melhor conhecerem as regras gerais do associativismo e formar a direcção em matéria de liderança.

Oito anos depois (2007), a associação foi reabilitada e equipada pela Associação Mozal para o desenvolvimento. E no ano de 2010 a Associação assinou um acordo com ADIPSA uma empresa que trabalha no ramo de micro-finanças, que cedeu 50% do valor para aquisição do tractor que a associação ostenta.

No ano de 2011, a associação assinou parcerias com a FDC no sentido desta capacitar os membros em técnicas modernas para produção agrícola, particularmente na formação de canteiros, aplicação de adubos e, na planificação da época agrícola.

Entretanto, o fundo para o funcionamento da associação provém do pagamento de quotas e joias, essa quota constitui o fundo de gestão, que serve para questões administrativas correntes da vida da associação. Actualmente o principal problema da associação são as taxas pagas mensalmente a Eletricidade de Moçambique.

A associação Regantes de Mafuiane possui estatutos aprovados e publicados no Boletim da Republica<sup>2</sup>, pelo que ela é reconhecida juridicamente como uma entidade com personalidade própria, o que lhe facilita assinar acordos com várias instituições interessadas em apoiar.

Em consonância com o boletim da República de 28/12/1994 da III Série - Número 52, no art.º 15 ponto das alíneas a, b e c) do regulamento, os Regantes de Mafuiane funcionam com base nos seguintes órgãos:

Assembleia-Geral (AG); Comissão de Gestão (CG) e Conselho Fiscal (CF).

A Assembleia-Geral é o órgão superior da associação constituída pela reunião de todos associados, sendo as suas deliberações obrigatórias. Onde cada associado tem direito a voto. Sendo assim, a Assembleia-Geral delibera por maioria de votos dos associados presentes ou representados, nenhum associado poderá representar mais do que um sócio.

A convocação da Assembleia-Geral é feita por aviso aos associados afixados na sede da associação, assinado pelo respectivo presidente com pelo menos oito dias de antecedência.

A convocatória deve constar sempre a ordem dos trabalhos, hora e local de reunião em primeira e em segunda convocação. Nesta perspectiva, a convocatória da Assembleia-

---

2 -Boletim da Republica de Moçambique serie III n.º52 de 28/12/1994



Geral deverá ser obrigatoriamente feita a pedido da comissão de gestão, do conselho fiscal ou de um terço pelo menos dos associados. A comissão de gestão é o órgão executivo da associação sendo constituído por:

Um presidente

Um vice-presidente,

Um tesoureiro e Seis vogais

Os membros da comissão de gestão são eleitos por um período de dois anos renovável por períodos iguais.

E não podem ser eleito como membros da comissão de gestão, os menores e os interditos, os que se encontram condenados a prisão maior salvo se beneficiam de amnistia, os funcionários públicos que eventualmente exercem funções de controlo de vigilância sobre a atividade da associação, e as pessoas que sejam fornecedores que executam ou preservem obras quer directamente quer por interposta pessoa na qual tenham participação.

O conselho fiscal é composto por três membros eleitos anualmente, um dos quais será o seu presidente com voto de qualidade podendo ser reeleito por mandatos iguais e sucessivos.

O conselho fiscal só poderá deliberar com a presença da maioria dos seus membros, devendo realizar pelo menos uma sessão anual para apreciação do relatório, balanço de contas e, o orçamento apresentados pela comissão de gestão.

Durante a pesquisa, constatamos a falta de articulação entre os órgãos diretivos e os restantes membros para discutir assuntos que dizem respeito a associação. Esta situação constitui uma autêntica transgressão aos princípios estatutários.

A maioria dos membros desconhece o que é uma associação, quais são os benefícios de trabalhar em conjunto, a direcção não tem tido um papel relevante na transmissão de valores sociais (solidariedade social, ajuda mútua) como fundamento, para a vida associativa.

### 3.3. Envolvimento dos camponeses na associação

O sistema de regadio de Mafuiane foi instalado numa área onde as populações já praticavam as suas actividades agrícolas. A agricultura era praticada em sistema de sequeiro em moldes individuais, mas com a instalação do regadio, alguns membros que antes praticavam a agricultura de sequeiro, passaram à agricultura irrigada (Muthemba, 1998).

Segundo Muthemba, alguns camponeses, passaram a ter duas ou mais parcelas, sendo uma no regadio e outra no local onde anteriormente praticavam a agricultura de sequeiro. As populações, que inicialmente praticavam as suas actividades no local onde foi instalado o regadio, beneficiaram automaticamente do sistema de regadio e assim foram considerados membros da associação.

A associação ficou denominada Associação Regantes de Mafuiane, foi estimulada pela cooperação italiana e o Fundo para o Desenvolvimento da Hidráulica Agrícola. A Associação foi criada para os residentes de Mafuiane se beneficiarem do sistema de regadio, instalado no âmbito do programa de desenvolvimento rural integrado na província de Maputo. Muitos camponeses residentes em Mafuiane que praticavam actividades agrícolas noutras áreas na sua maioria no sequeiro, foram filiando-se a associação por vários motivos.

Dentre os quais, a melhoria de nível de vida, que na óptica desses mesmos significa alimentação e garantia de acesso aos serviços básicos. Sobre a motivação, o nosso entrevistado explica o seguinte:

*“O que me fez entrar na associação foi o sentimento de melhorar a minha situação familiar, tive que entrar na associação juntamente com os meus irmãos para juntos fazermos algo para sustentar os nossos filhos em casa, assim entrei na Associação”<sup>3</sup>*

Com perspectivas diferente, um outro membro da associação considerou a herança da parcela de terra como a razão do seu envolvimento na associação, isso explica-se por que a maioria dos membros tinham como principal problema a falta de água na região,

---

<sup>3</sup> Entrevista com senhor Danhane membro da associação 20 Agosto de 2011

sendo que para a comunidade não existia outra alternativa que não fosse a de fazer parte da associação.

Para outro membro, a sua motivação deveu-se ao facto da agricultura ser a única actividade que sabe exercer, na qual já tinha adquirido uma larga experiência, a machamba da associação é como se fosse uma fonte de emprego, que permite ter algum rendimento no final de cada campanha agrícola. Mafuiane sendo uma região essencialmente agrícola, a comunidade não tem praticamente oportunidades de aquisição de experiência profissional noutras áreas que não seja a agricultura.

Outro membro da associação teceu o seguinte comentário sobre o seu gosto pelo trabalho agrícola:

*“ O que me levou a ser membro da associação foi por ter gostado do trabalho, no princípio trabalhei com os italianos, então ali adquiri experiência de actividade agrícola, nunca tive vontade de fazer outro trabalho diferente daquele que já tinha aprendido e, até hoje prefiro manter aqui na associação, trabalhando até a minha morte “4*

Portanto, esse gosto pela actividade agrícola é determinado pelo ambiente em que as pessoas crescem, na medida em que, durante o crescimento as pessoas são lhes inculcados gostos e práticas de actividades agrícolas.

Não obstante, as mulheres da comunidade vêm a associação como o lugar de realização dos seus sonhos e constitui assim uma aposta para o futuro, estas olham a associação com muita expectativa do futuro, em relação a realização pessoal, isto é, querem trabalhar por conta própria, serem autónomas, ou seja, ter a sua própria parcela de terra para a agricultura. Sobre este assunto a nossa entrevistada diz o seguinte:

*“Antes eu trabalhava para um privado, saí porque na associação eu tenho a minha própria parcela de terra, trabalho sozinha e me considero patroa, considero isso bastante positivo, estou a lutar para poder obter mais parcelas de terras para poder aumentar a minha produção”5.*

As várias experiências observadas, mostram o carácter e motivo individual do envolvimento dos camponeses na associação. Dos vários motivos que levaram os

---

4 Entrevista com senhor Jaime membro da associação 20 Agosto de 2011

5 Entrevista com senhora Emerciana membro da associação 24 Agosto de 2011

camponeses a fazer parte da associação, o motivo que se revelou mais relevante entre os membros da associação por nós entrevistados, foi o facto da associação e seus membros beneficiarem de um sistema de regadio que possibilita que as suas parcelas tenham água durante o ano.

Em relação a este motivo, que ao mesmo tempo constitui uma vantagem para os membros da associação, alguns associados chegam a afirmar que se não fosse o sistema de regadio, teriam dúvidas em fazer parte da associação.

Neste sentido, as razões acima citadas que levaram os camponeses a entrarem na associação, na perspectiva de Beaudoux e Nieuwerk (1988), a associação é para os camponeses uma forma de beneficiar de algumas vantagens propostas pela estrutura de desenvolvimento.

O sistema de regadio de Mafuiane, apareceu como solução aos problemas de carência de chuvas que afectava as duas regiões de Mafuiane, segundo nos relatou um dos nossos entrevistados membro da associação. A carência das chuvas dificultava a prática da actividade agrícola, assim sendo, só entrando na associação é que o camponês podia praticar a agricultura durante todo ano, pois, na associação os camponeses tem oportunidade de ter uma machamba irrigada.

De modo geral, os dados nos mostram que a entrada dos camponeses na associação, deveu-se ao alcance de objectivos próprios, como por exemplo possuir sua própria parcela de terra, mas principalmente pelo facto de a associação possuir um sistema de regadio e, pelo gosto do trabalho agrícola.

### **3.4. Parceiros e Funcionamento da Associação Regantes de Mafuiane**

A organização não existe por si só, e nem actua isoladamente tanto que a sua funcionalidade conta com o capital social adquirido da articulação e das sinergias que se estabelecem com outras instituições.

A nível local, a associação estabelece parceria com o Fundo de Desenvolvimento Comunitário (FDC) que tem ajudado principalmente na capacitação em técnicas modernas aos camponeses para processo de produção, na aplicação de adubos a certas

culturas e na planificação da época agrícola. A FDC tem igualmente desempenhado um papel relevante facilitando o relacionamento entre as várias associações locais conforme a explicação do nosso entrevistado:

*“Nos finais de cada mês a FDC promove um encontro onde se faz o balanço mensal das actividades de cada associação, onde cada associação expõe os seus problemas e em conjunto buscam-se soluções, o que não tem acontecido a nível interno da associação regantes de Mafuiane”*<sup>6</sup>

Este aspecto mostra que embora haja solidariedade entre as várias associações locais, estas, não tem ainda autonomia funcional no sentido de encontrarem alternativas locais que visam solucionar os vários problemas que enfrentam, principalmente relacionados com a comercialização dos produtos e a crescente falta de energia eléctrica em Mafuiane.

Além dos parceiros locais a associação estabelece parceria com ONG, como a Kulima e o projecto ADIPSA. A Kulima intervém principalmente na área de alfabetização, na divulgação das regras gerais do associativismo aos associados, na formação da direcção em matéria de liderança e propagação de campanha de sensibilização em matérias de HIV/SIDA.

Contudo, há uma fraca capacidade demonstrada pela maioria dos membros em matéria de associativismo revelando que as formações promovidas pela ONG Kulima neste aspecto não foram profundas e abrangentes. Estas formações significaram um impulso para compreensão da dinâmica associativa para alguns associados ligados a liderança da associação. A estes, ainda falta uma postura pró-activa para que possam transmitir os conhecimentos aos restantes membros.

O projecto ADIPSA tem como objectivo ajudar a associação no fornecimento de microcréditos, para tal, foram capacitados alguns dos membros da associação para que sejam eles próprios os gestores do crédito doado, conforme explica o nosso entrevistado:

---

<sup>6</sup> Entrevista com senhor Horácio membro da associação 24 Agosto de 2011

*“O processo de capacitação foi concluído, onde foram formados 25 membros da associação, o que nos espanta, é que até agora ainda não recebemos o financiamento para iniciar esta actividade de micro-crédito o que tem nos deixado bastante desmoralizado “7*

O projecto ADIPSA até a altura que realizamos o trabalho de campo em Agosto e Setembro de 2011 não tinha sido implementado, pelo que está previsto para o mês de Dezembro. Este projecto terá como finalidade ajudar na assistência financeira dos camponeses no processo de produção.

Estas sinergias serão úteis para o aumento do capital social tanto dos camponeses como da associação através das relações que vão estabelecendo com diversos parceiros.

A legalização é um aspecto fundamental para que a associação mantenha relações com outras instituições e para que haja responsabilidade mútua. O facto da mesma ser legalmente reconhecida permite-a estabelecer parcerias que possibilitarão o desenvolvimento da associação. Portanto, constatamos que Associação não funciona como outras, que possuem intermediação entre os membros e outros agentes externos.

Em consonância com o boletim da República de 28/12/1994 da III Série - Número 52, no art.º 15 ponto das alínea a, b e c) do regulamento os regantes de Mafuiane funcionam com base na integração dos órgãos de participação alargada dos seus membros assim como as estruturas necessárias a uma operacionalização e conexão a nível local. Sobre este aspecto verifique em anexo o boletim.

### **3.5. Contribuição socioeconómica da associação na vida dos camponeses**

De acordo com Beaudoux e Nieuwerk (1985), as associações permitem alcançar ganhos socioeconómicos que por sua vez contribuem para o bem-estar individual e familiar, facto que seria de difícil alcance a título individual.

---

7 Entrevista com senhor Raul membro da comunidade 7 Setembro de 2011

Tendo em vista um dos nossos objectivos específicos: compreender as implicações do associativismo na vida dos associados, de seguida, iremos apresentar os resultados dos dados recolhidos com vista a alcançar este propósito.

Para tal, observemos o que os membros da associação de camponeses de Mafuiane consideram vantagem e desvantagem de ser membro da associação. Num segundo plano, iremos apresentar o que os membros consideram contributo da associação para o desenvolvimento.

Os membros entrevistados, consideraram que a associação traz vantagens para sua vida, pois através do trabalho na machamba da associação conseguem sustentar as suas famílias em dinheiro e alimentos, pois, na óptica dos membros a machamba da associação não tem problemas de água, isto é, as machambas são irrigadas, permitindo aos camponeses exercerem as suas actividades agrícolas durante o ano sem depender a época chuvosa, como fazem os camponeses que produzem no sequeiro.

Alguns membros da associação com mais de uma parcela, chegam a contratar pessoas para trabalharem nas suas machambas em regimes de contratos. Estas pessoas são contratadas geralmente nas fases da preparação da terra e da sacha, pois são fases que exigem muita mão-de-obra. Segundo o régulo da comunidade de Mafuiane, estes empregos sazonais tem contribuído para reduzir as carências dos habitantes que não possuem parcelas no regadio.

É também considerado vantajoso estar na associação pois, para além de ter água em comparação com as machambas do sequeiro, os assuntos dos associados são discutidos em conjunto, assim a sua resolução em caso de problemas, torna-se mais fácil como considerou este membro:

*“Todos os problemas da associação são discutidos em conjunto dentro da associação nos finais de cada mês e, os problemas se tornam mais simples para resolver”<sup>8</sup>*

A falta de transporte para permitir aos associados escoar os seus produtos, para os mercados quer de Mafuiane como de Maputo, constitui o grande problema. O que faz com que os preços aplicados durante a comercialização dos seus produtos, sejam

---

<sup>8</sup> Entrevista com senhora Otlia membro da associação 28 Agosto de 2011

relativamente baixos, pois há sempre insegurança de não conseguirem vender e, por conseguinte, a deterioração dos produtos.

Portanto, a ideia de que a associação funciona bem, representa uma vantagem, também constitui uma razão de ser membro. Não obstante, alguns membros, consideram desvantajoso o facto de a associação enfrentar problemas de gestão, sobretudo quando esta passou para a responsabilidade dos locais. Sobre este assunto um dos nossos entrevistados disse o seguinte:

*“Há desvantagem actualmente em ser membro porque com a ida dos italianos nós agora não temos água durante todo dia, também as bombas estão todas estragadas e, os chefes não se preocupam em reparar”*<sup>9</sup>

Constitui também dificuldade para um dos membros da associação, o facto de eles pagarem as facturas de água a quantias de dinheiro muito elevadas, sobre este assunto um dos nossos informantes diz o seguinte:

*“A maior desvantagem de ser membro da associação reside na dificuldade do pagamento de água e electricidade, assim sendo os membros não conseguem utilizar a machamba da associação durante todo ano por não terem dinheiro para pagar água e electricidade, assim alguns desistem de participar na associação por causa destas coisas. O problema da associação é falta de dinheiro para pagar água e energia que chega a custar duzentos mil meticais mensais”*<sup>10</sup>

Neste sentido, sendo concebida para melhorar a vida da comunidade de Mafuiane, na óptica dos membros, a associação tem contribuído para a mudança de vida, no sentido em que se verifica melhoria de vida desde que são membros da associação.

A melhoria de condições de vida, consiste em conseguir sustentar a família, melhorar a alimentação, construir e melhorar as habitações, garantir acesso aos serviços básicos para si e os seus dependentes, comprar e instalar água e energia nas suas habitações. Sobre este assunto um dos nossos entrevistados diz o seguinte:

---

9 Entrevista com senhor Uaquisso membro da associação 31 Agosto de 2011

10 Entrevista com senhor Judite membro da comunidade 31 Agosto de 2011



*“A minha vida mudou porque construí uma casa, consigo mandar os meus filhos a escola, ajudamo-nos na construção de entre membros, comprei bens de casa, as crianças tem dinheiro de transporte sem dificuldade”<sup>11</sup>*

As várias experiências descritas por estes membros da associação, ilustram o papel da associação no que diz respeito a melhoria das suas condições de vida não só alimentação e habitação, mas também em termos de relacionamento interpessoal entre membros. Esta relativa mudança de vida dos camponeses membros da associação, possivelmente esteja aliada a finalidade da produção. A associação Regantes de Mafuiane tem dupla finalidade, alimentação e venda dos produtos da machamba.

### **3.6. Métodos de participação comunitária no desenvolvimento de Mafuiane**

Segundo as declarações dos nossos entrevistados, a ideia e os métodos de participação comunitária no processo de desenvolvimento não é algo novo para a comunidade de Mafuiane, pois desde o período colonial, esta comunidade tem vindo a exercer práticas participativas nos seus sistemas produtivos. De acordo com Matsimbe (2000), a participação é um processo em que os actores sociais com diferentes poderes e recursos actuam em instâncias formais e informais para discutir os seus interesses, identificar e negociar conflitos, desenvolver acções que tomem em consideração os interesses e preocupações das partes envolvidas.

Portanto, é no desenvolvimento da atividade agrícola que se verifica que o uso das técnicas participativas vem de longa data. No início de cada campanha agrícola a comunidade se reúne para conjuntamente planificarem o trabalho das machambas.

Assim, de acordo com as observações feitas no campo e com as informações obtidas através dos nossos informantes, constatou-se que a comunidade está desprovida dessas facilidades, pois não existem em Mafuiane organizações ou agências de desenvolvimento que estejam lá a funcionar. Desde que os italianos foram embora, não foram criados novos projectos de desenvolvimento na aldeia, contrariamente ao que tem acontecido noutras aldeias. Sobre este assunto um dos nossos entrevistados diz o seguinte:

---

<sup>11</sup> Entrevista com senhora Teresa membro da comunidade 3 Setembro de 2011

*“Desde que os italianos deixaram de trabalhar connosco, não voltamos a ter apoio de nenhuma organização. Temos conhecimento da existência de algumas organizações como FDA e CDA que tem estado a trabalhar com as comunidades de Boane, mas para Mafuiane, essas organizações não vem”<sup>12</sup>*

A comunidade tomou a iniciativa de criar na associação uma fábrica de blocos, os membros da associação sentiram-se desincentivados e acabaram desistindo, pois estes não podiam transportar os tijolos para a vila ou outro local fora da aldeia, porque os proprietários das viaturas alugadas por estes, para o transporte dos blocos recusavam-se a levar as suas viaturas até a aldeia, porque a via de acesso a Mafuiane está em mau estado de conservação. Deste modo, os tijolos ficavam acumulados, não havia como escoá-los e degradavam-se com o efeito da chuva e sol.

Outra situação que tem sido enfoque no seio da comunidade de Mafuiane, prende-se com a pouca atenção que a Administração e outras instituições governamentais a nível da aldeia têm dado a comunidade. Sobre este assunto o nosso entrevistado diz o seguinte:

*“Pedimos a Administração para que nos ceda um tractor para ajudar a trabalhar quando o nosso está avariado, exigiram combustível. Nós entregamos o dinheiro para a compra do combustível, fomos deixar na Administração, mas mesmo assim, não nos cedem o tractor, nem se quer nos dão qualquer informação sobre o dinheiro”<sup>13</sup>*

Os argumentos apresentados pelos nossos entrevistados mostram claramente que, existe por parte da comunidade vontade de fazer algo em prol do desenvolvimento da aldeia, mas estes encontram certas barreiras, pois estão desprovidos de meios financeiros e apoio institucional por parte do governo e outras instituições vocacionadas ao desenvolvimento das iniciativas locais de desenvolvimento.

Em suma, a comunidade de Mafuiane acredita que, com o apoio de instituições vocacionadas ao desenvolvimento, ela pode pôr as suas iniciativas em prática e, desenvolver projectos que possam beneficiar a aldeia e a própria comunidade.

---

<sup>12</sup> Senhor Matola regulo da comunidade 2 Setembro de 2011

<sup>13</sup> Entrevista com senhora Maria membro da comunidade 2 Setembro de 2011

#### **4.Considerações finais**

Neste trabalho procuramos analisar a contribuição da associação dos Regantes no processo de desenvolvimento da comunidade de Mafuiane, a partir da compreensão das lógicas que estão por trás da sua criação, uma vez que nos últimos anos realça-se muito o papel das associações no processo de desenvolvimento comunitário.

Com base nesse objectivo, constatou-se que a criação dos regantes de Mafuiane não partiu da iniciativa da própria comunidade, mas de agentes externos, o caso da cooperação italiana e o fundo para o desenvolvimento hidráulica na província de Maputo.

Esta situação, mostra que os membros filiaram-se na associação de acordo com as suas necessidades. Contudo, uma parte dos associados precisavam satisfazer certos requisitos o que logo à prior põe de lado um certo grupo que não reunia esses requisitos, que era o de possuir uma parcela de terra na zona onde seria implantada o sistema de regadio.

Constatamos que uma parte dos membros considera vantagioso para sua vida fazer parte da associação, na medida em que através do trabalho na machamba da associação conseguem sustentar as suas famílias e, o facto de ter a água na machamba durante uma época agrícola. E outra considera desvantagem pelo facto de a associação enfrentar problemas de gestão, sobretudo quando esta passou para a responsabilidade dos membros.

Sendo assim, a participação da comunidade na vida da associação, esta ainda bastante reduzida particularmente no que diz respeito a reuniões e no pagamento de quotas e joias, dificultando assim o seu bom funcionamento. O único factor do envolvimento da comunidade é a possibilidade de protecção e segurança de posse de terra na área onde esta implantado o sistema de regadio.

No que concerne as parcerias podemos constatar que a Associação estabelece parcerias locais com Associação Mozal, e com várias outras organizações não-governamentais qua actuam a nível do distrito.

## 5. Referências bibliográficas

Beaudoux, Etienne. & Nieuwkrk, Marc. 1998. *Associações Camponesas em África Manual para acção*. Lisboa: Clássico Editora

Bourdieu, Pierre. 1980. “O capital social – notas provisórias”. In: Nogueira, M. A. e Catani, A. 1998. *Pierre Bourdieu: Escritos de educação*. Capítulo III. Petrópolis, RJ: Vozes

Brose, Markus. 1999. *Agricultura familiar, desenvolvimento local e políticas públicas: Nove anos de experiência do Projecto Prorenda agricultura familiar no Rio Grande do Sul*.

Casal, Adolfo. 1996I. *Antropologia e desenvolvimento Rural: As Aldeias Comuns de Moçambique*. Lisboa: Instituto de investigação científica Tropical

Campos, Antonio. 1999. *Associações Agrícola: Um Guia Prático*. 2 ed. Lisboa: DGRR

Compton, Julia. 2000. *Case Study: Mozambique Program you can't learn to swim until you get into the water: policy formulation and implementation on a practical level*. Paper presented at the Natural Resources Advisers Conference 10-14 July 2000, Sparholt Agricultural College, Winchester.

Chichava, José. 1999. *Participação Comunitária e o desenvolvimento: o caso dos Grupos Dinamizadores em Moçambique*. Maputo: INLD.

Davis, Charlotte. 1999. Observing, participating. In: *Reflexive ethnography: a guide to researching selves & others*. London: Routledge

Durston, Jhon 2002. *El capital Social en la Gestion Desarrollo Rural Diades, equipos Puents y escareles*: CEPAL

Enrico, Luzzati & Célia Navarro. 2004. *As cooperativas como instrumento de luta a pobreza nos países em via desenvolvimento: O caso de Moçambique* Dezembro.

Fernandes, Florestan. 1973. *Comunidade e sociedade: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação*. São Paulo: Editora Nacional e Editora da USP

Ferrinho, Homero. 1997. *Associativismo e Cooperativismo*. Maputo: Conferencia Nacional das Associações Camponesas e Cooperativas Agrícola de Moçambique

Ferreira, Neto Alfredo & Garcia Sebastião. 1987. *O desenvolvimento Comunitario Principios para Acção*. Rio de Janeiro Bloch

Gerlach, Fabio. & Batalha, M. O. 2000. *Organização da produção e perfil das associações paulistas de produtores de leite*. R. Janeiro: Associação Brasileira de Engenharia de produção

Geertz, Clifford. 1989. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara

Goldenberg, Mirian. 2000. *A arte de Pesquisar: Como fazer Uma Pesquisa Qualitativa em Ciências Sociais*. R. Janeiro: Record

Harrun, Michael. 2002. *Institutional reform of the Mozambican Agricultural Research System: The running chameleon. Prepared for the FARA Meeting 2002*. London: Routledge

Matsinhe Cristiano 1999. *Abordagens Desenvolvimentistas: Ainda sobre Cultura Cívica e Ethos Social*. Rio de Janeiro IFLCS/PPGS/UFRD

Meija, Margarita. 2000. *Dinâmica Locais nas Associações de Camponeses do Distrito da Manhica Província de Maputo*. Maputo: UEM, CEA.

Norder, Cruz. 2004. *Políticas de assentamento e localidade: os desafios da Reconstituição do trabalho rural no Brasil*. Paraná: Lumiar

O'Neill, Brian .Juan. 1998. "Entre a Sociologia Rural e Antropologia: Repensando a "Comunidade" Camponesa", In: *Análise Social* 1988. Vol XXIV 4º 5º

Pina Cabral, João. 1989. *Filhos de Adão, Filhos de Eva: a visão do Mundo Camponês no Alto Minho*. Lisboa: D. Quixote

Putnam, Roger. 1996. *Comunidade e Democracia: A experiência da Itália moderna*. São Paulo: FGV

República de Moçambique. 2000. *Plano de Acção para a Redução da Pobreza Absoluta PARPA 2000-2004*. Maputo: Moçambique.

Anjos, José Carlos dos. 1989. *Revista Internacional de Estudos Africanos*: Instituto de Investigação Científica. N°3, Liboa.

Sardan, Olivier. 1995. *De Anthropologie e développement: essai en socio-anthropologie du changement social*. Paris: APAD- Karthala

Santos, Hipólito, 1984, *cooperatização e desenvolvimento rural em Moçambique*. Lisboa. Sociedade de estudo e intervenção em engenharia social.

Germano Marlene. 2004. *Uma visão sobre o PROAGRI: Uma Análise do Grupo Moçambicano da Dívida (GMD) Maputo, 30 de Agosto de 2004*

Valá, Salim. 2002a. *Desenvolvimento Comunitário, Participação e Empwement em Moçambique 1999- 2002: Percepções, Realidade e perspectivas num contexto de Mudança*. Maputo

Valá, Salim. 2002b. *Associativismo agrícola e desenvolvimento Local no Chokwe 1975-2000*. Maputo..

Van vugt, Mark. & De Cremer. David. 2002. *Leadership and cooperation in groups: Integrating the social dilemma and social identity perspectives European Review of Social Psychology*. São Paulo: Editora da USP

Weber, Max 1984. *Fundamentos da Sociologia*. 2ª Edição, rés editora. Porto

1991 Decreto número 21/ 91/.reconhecimento das associações. Boletim da Republica 1 Serie n° 4

## **VI. Anexos**

### Anexos

#### Anexo - I

##### Perfil dos entrevistados

##### Homem

##### Mulher

- Idade
- Ocupação actual
- Estado civil

#### Anexo - II

##### Tópico de Entrevistas para Membros da Associação dos Regantes de Mfuiane

- Historial sobre a associação e quantos membros tem associação
- Motivação para a entrada na associação
- Desvantagens de ser membro da associação
- Mudanças ocorridas na vida dos membros da associação
- O que produzem na machamba da associação
- Onde vendem os produtos
- Finalidade do dinheiro que ganham com a venda produtos

#### Anexo - III

##### Tópico de Entrevistas para Comunidade ao Redor da Associação dos Regantes de Mfuiane

- Tempo de residência em Mafuiane, e qual é a sua origem
- Avaliação da comunidade ao trabalho desenvolvido pela associação
- Benefício dos produtos da machamba da associação para a comunidade
- Acessibilidade dos produtos da machamba da associação para a comunidade

## **Listas dos membros da associação entrevistados**

Danhane 32 anos, natural de Matola, pai, casado, agricultor na Associação Regantes de Mafuiane. Data: 20 Agosto de 2011

Jaime 43 anos, natural de Boane, pai, Solteiro, professor e membro da Associação Regantes de Mafuiane. Data: 20 Agosto de 2011

Emerciana 30 anos, natural de Matola, mãe, Solteira, secretaria e agriculta da Associação Regantes de Mafuiane. Data: 24 Agosto de 2011

Horácio 50 anos, natural de Chokwé, pai, Solteiro, agricultor da Associação Regantes de Mafuiane. Data: 24 Agosto de 2011

Otília 46 anos, natural de Manhiça, mãe, casada, membro da Associação Regantes de Mafuiane. Data: 28 Agosto de 2011

Alberto Uaquisso, 46 anos, natural de Massinga, pai, Solteiro, presidente da Associação Regantes de Mafuiane. Data: 31 Agosto de 2011

Judite 49 anos, natural de Namaacha, mãe, viúva, membro da Associação Regantes de Mafuiane. Data: 31 Agosto de 2011

## **Lista dos Membros da comunidade entrevistados**

Maria 44 anos, natural de Namaacha, mãe, casada, vendeira do mercado. Data: 2 Setembro de 2011

Matola 50 anos, natural de Namaacha, pai, casado, regulo de Mafuiane. Data: 2 Setembro de 2011

Teresa 37 anos, natural de Boane, mãe, casada. Data: 3 Setembro de 2011

Raul 46 anos, natural de Maputo, pai, Solteiro, barbeiro. Data: 3 Setembro de 2011